

contar a história da trançista. Infelizmente, a gente acaba contando as histórias negras esvaziando os códigos identitários. Fala da história da capoeira, sem a história do capoeirista, a história do acarajé sem a da baiana. São os sujeitos que dão sentido aos códigos identitários, aos códigos culturais.

A websérie que será lançada vem com essa perspectiva?

Exatamente. É a gravação do que a gente discutiu nos mapas afetivos, dividida em quatro episódios, que serão lançados no próximo dia 27, no YouTube: pensar no mapa familiar, no mapa cotidiano, no político e no patrimonial. O mapa familiar é a identificação disso dentro das famílias. O cotidiano é quando a gente entende que o que foi aprendido em casa se tornou um ofício, além de pensar as mudanças históricas que o ofício vem sofrendo. Na parte do mapa político, discute-se a questão de raça, gênero e território. Elas começam a entender que não é à toa que é um ofício que está marginalizado, porque é exercido majoritariamente por mulheres negras em territórios negros. Por fim, o mapa patrimonial é quando a gente estende esse diálogo com o Estado, para reconhecer que existe um grupo social com uma demanda própria. E aí é quando a gente consegue, inclusive, popularizar esse ofício enquanto o saber tradicional.

Há uma abertura para esse reconhecimento oficial?

Existe uma abertura, mas sabemos que é complexo, até porque existe uma lista de outros saberes à espera desse reconhecimento também. Uma das coisas que fizemos, por exemplo, foi a criação de uma associação nacional, porque essa demanda precisa vir de um de um grupo organizado. A ideia é que grande parte do conteúdo da dissertação vá para o documento que será avaliado pelo Iphan.

Como se sente com essa premiação?

Estou muito feliz, especialmente por ser algo que está ligado a Beatriz Nascimento, que é uma das minhas referências na pesquisa. Também porque é um projeto que está no âmbito acadêmico, mas que consegue alcançar a perspectiva social. Não é um discurso que fica só dentro da academia, existe uma demanda social que o projeto conseguiu alcançar. E não é a primeira premiação. Também ganhamos o 37º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, que é a maior premiação do Iphan. Foram outros 17 projetos, e somos o único do DF. Então, assim, a gente conseguiu juntar duas premiações importantes: a do Iphan, que reforça essa questão do patrimônio, e agora vem esse da Beatriz Nascimento, que reforça, inclusive, a importância da gente enquanto comunidade negra, enquanto mulheres negras trazendo os nossos saberes como uma pauta importante na perspectiva política. A gente sai do lugar de pesquisado para se tornar pesquisador.

A LIGA DA ESCRITA

Gilberto Soares/Divulgação

Pretas que escrevem

A quinta edição do encontro literário Julho das Pretas que Escrevem está próxima e com um grupo de homenageadas de peso: as escritoras Ana Rossi, Andressa Marques e Ramila Moura, a jornalista Juliana César Nunes e a mestra e compositora Martinha do Coco. As talentosas estarão reunidas no próximo sábado, no Museu Nacional, a partir das 14h, para uma programação que prevê sarau, rodas de conversa, exposição e venda de livros. O espaço de conexão, afeto e potência, avisa Waleska Barbosa (foto), idealizadora da iniciativa.



Com conexões

Waleska acaba de lançar o livro *Ipês não são domesticáveis*. Nascida na Paraíba, a também jornalista vive em Brasília há 25 anos e, na segunda obra da carreira literária, faz uma homenagem à capital. “Um presente que me honra, emociona e reforça o afeto que permeia uma obra que começou como um projeto independente e chega ao mercado pela força do coletivo, do aquilombamento e da chegada da AVÁ Editora para me incentivar a seguir”, disse ao **Correio**. Facilitar as conexões, aliás, é uma das propostas do evento do próximo sábado.



Minha eleição representa a entrada de muitas outras pessoas que, como eu, não se viam nesse lugar. É um gesto simbólico, mas também transformador.”

Ana Maria Gonçalves

Primeira mulher negra eleita a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL). A imortal foi eleita no último dia 10.

Reprodução/Instagram



Indira Dominici Cunha



Matronas no Jabuti

A antropóloga Paula Balduino de Melo (foto) é uma das semifinalistas da segunda edição do Prêmio Jabuti Acadêmico com o livro *Matronas Afro-pacíficas: tramas da resistência na fronteira Colômbia-Ecuador*, publicado pela Editora UnB. A obra é resultado das viagens e pesquisas realizadas pela brasileira no Equador e na Colômbia, entre 2012 e 2014, onde conviveu com parteiras, curandeiras, rezadeiras, peças-chave na resistência de comunidades afro-latinas. “Escrever esse livro envolveu me relacionar com as pessoas, sua comida, música, cultura, morei alguns meses no território, em meio a conflitos, foi muito intenso”, conta Paula, que também é professora no Instituto Federal de Brasília e diretora no Ministério da Igualdade Racial. A lista de finalistas será anunciada no próximo domingo, e a cerimônia de entrega do prêmio está prevista para 5 de agosto.